

# a p o n t a m e n t o

## sôbre a necessidade de vêr claro

por MÁRIO DIONÍSIO

Naquilo a que, grosseiramente, chamamos fim de época, em que tudo está feito e tudo está por fazer, a confusão domina, naturalmente. Opiniões, fundamentadas ou não, cruzam-se, chocam-se, destroem-se e os homens correm dum lado para outro de mãos na cabeça sem saberem nitidamente que fazer, para onde ir. Alastra-se infinitamente num borborinho à primeira vista maléfico, e ninguém encontra nas palavras dos outros, ou mesmo nas suas, a definição exacta do que se quer, do conveniente. E' o período das tragédias individuais, o período em que o

indivíduo a quem o tumulto desnorteou, repete mil vezes cêpticamente:—para quê?, e acaba por dirigir a pistola ao ouvido.

Porém a marcha das coisas prossegue indiferentemente das derrotas individuais.

Mas,—somos levados a perguntar—não será o todo o conjunto dos casos isolados? Como podemos admitir que o indivíduo sucumba e a sociedade progrida? Está aí, justamente, a contradição geradora da vida, a fonte. Reparando bem, o que notamos não é a derrocada do indivíduo em geral, mas apenas a derrocada de certos indivíduos. E

a contradição global não é mais que a projecção da contradição latente em cada um. Luta constante mas só nítida em determinados períodos—quando a quantidade gerou a qualidade—entre o que estava e o que vem. Sucumbem os que foram esfacelados por essa luta—isto é, aqueles em que o que vem não venceu integralmente o que estava. Aqui está uma ideia dita e redita, posta em meia dúzia de palavras, também escritas e tomadas a escrever.

Mas supomos que há um sub-problema que deve inquietar-nos. E esse é o do indivíduo que conseguiu libertar-se dos escombros duma época, mas cuja libertação consistiu unicamente numa questão de forma. São os que se preocupam mais (com os símbolos do que com aquilo que eles simbolizam; os que vivem mais para uma bandeira—em política, para uma palavra—em literatura, para uma côr—em pintura, do que para a realidade em si, a estrutura que projecta a bandeira, a palavra ou a côr.

E' a tendência para tomar as coisas pelo que elas têm de secundário, de superficial. Ocioso seria apontar os inconvenientes de tal atitude, vítimas como somos de tantos exemplos vivos.

A tendência humana é a do aperfeiçoamento. E «só é perfeito quem apeetece ser mais» (S. Bernardo). Este desejo de mais manifesta-se, naturalmente, em primeiro lugar, pela passagem a menos do que até dada altura fôra mais. Temos portanto sempre uma tendência derrotista em face do que está. Em arte chama-se a tudo isto *inconformismo*, condição essencial. Mas parece-nos urgente determo-nos um pouco nessa noção de *inconformismo*, porque, quere-nos parecer, *inconformismo* não é unicamente derrotismo.

*Inconformismo* teria assim um papel negativo quando, muito ao contrário, êle é amplamente construtivo.

Assim terá sido Eça, por exemplo, um verdadeiro *inconformista*? Eça foi nitidamente adversário duma classe social mas faltou-lhe, para nós, uma condição essencial: ultrapassar essa classe.

Atacando o clericalismo e toda uma moral que sugestão podemos encontrar na sua obra para a substituição de-

la? E com Eça quasi todos os escritores do antigo realismo.

Os artistas ditos modernos falam muito de *inconformismo*, de guerra às antigas fórmulas, de criação. Mas em que tem consistido essa criação? A guerra às antigas fórmulas (ou pelo menos o desejo disso) é evidente. Mas ficamos pelas fórmulas. Quanto a ideia, ou melhor, (ainda que pareça (menos conciso) a sensibilidade, não vemos, na maioria, nada de novo. Assim, podemos concluir que, em noventa por cento dos casos, essa guerra às antigas fórmulas não passa duma questão aparente, de originalidade forçada. Como poderemos perceber um poeta que, declarando os antigos cânones incapazes para exteriorizar os «estados de alma» (como dizem) do homem de hoje, nos apresenta ora um poema em molde moderno ora um soneto ora uma composição em sextilhas pacientemente medidas? Tam depressa a rima e o número silábico é um empecilho para exteriorização da emoção, como não senhor, antes pelo contrário... Será o artista sincero em ambas as facetas?

A necessidade de modificação formal é evidente. Mas como *inventá-la*, como *descobri-la* sem que corresponda a uma modificação integral do homem? Para quê e como *inventá-la*, se ela deve surgir espontaneamente, sem programa, excepto o de exteriorizar uma nova estrutura?

Outra faceta que nos parece curiosa está na tendência de certos artistas e críticos para a obra directamente revolucionária. Assim, nas artes plásticas, por exemplo, a representação dum levantamento de massas. Não queremos negar o valor à intenção. Mas necessitamos de ir muito mais ao fundo. Necessitamos vêr claro. Pobre modificação de coisas que estivesse nos fusilamentos, nos coros guerreiros, numa bandeira ou vermelha ou branca...

E' necessário libertarmo-nos desta atracção perigosa do exterior, da forma. Isso nos é exigido por nós próprios, nós que somos simultaneamente os que pretendem libertar-se dos escombros e os que estão prontos a gritar *para quê?* e a encostar a pistola ao ouvido.

(Continuação da página anterior)

podem, por sua vez, ser influenciados por êle. Assim, a experiência que nos leva a atribuir valor ao artista ou ao literato recém-aparecido não pode nutrir-se apenas do bom-senso, da moral estabelecida ou do sentido estético tradicional. Essa experiência deve ter raízes mais fundas e aspirar a mais alto; beneficiará dos conhecimentos adquiridos e ao mesmo tempo terá a previsão de horisontes desconhecidos ainda. Só com amplo espírito de compreensão e ausência absoluta de cepticismo se poderá reconhecer o artista onde quer que êle apareça.

Por outro lado, a crítica activa, militante, digamos assim, poderia, se quizesse, ser a anunciadora de valores novos, estimulá-los, esclarecê-los. Não é das academias, nem dos jornais diários, que surgirá essa compreensão. Aquilino Ribeiro e Ferreira de Castro foram contemplados com prêmios literários da nossa Academia quando já de há muito eram considerados grandes escritores. E sucede que o foram precisamente a pretexto dos mais fracos dos seus livros: «As três mulheres de Sansão», do primeiro, e «Terra fria», do segundo.

Não há literato principiante que não se julgue um génio. É verdadeiramente comvente a isenção, o alheamento de espírito mercantil, que representa o aparecimento de tantos livros de versos, de novelas, de máximas, a abertura de exposições de pintura e escultura e outras demonstrações de vida espiritual. Compete à crítica ajuizar quais são, de entre aquêles que se lançam no torvelinh, os que não se enganam quanto à sua personalidade, descobrir o verso, a imagem, o período, onde se encontra em embrião o artista ou o escritor futuro.

É claro que não vamos pedir o milagre de se desencantarem, por instinto divinatório, os poetas de água-furtada que se comprazem no seu isolamento ou que não logram interessar a parte da humanidade que os rodeia. O que se torna necessário é uma longanimidade maior na apreciação da gente nova que surge armada de audácia e de ilusões. E não só à crítica isso compete, mas a todos os homens inteligentes e sensíveis. Não queremos uma crítica vivendo, como a ideia de Antero, «num céu inalterável». Queremo-la implacável perante o brilho falso de certo exibicionismo que se embebe do fulgor das auréolas alheias, mas acolhedora e generosa para todos aquêles que se apresentem portadores duma inquietação ou dum anseio, e que aliem o talento à sinceridade.